

A TEIA, DE A CIDADE E AS SERRAS, ENREDANDO EÇA DE QUEIRÓS A ZYGMUNT BAUMAN E PAUL VIRILIO

Eduardo Prazeres dos Santos
PUC-Rio

A obra de Eça de Queirós se caracteriza pela crítica social, combatendo certos vícios, denegrindo/exaltando certas classes, punindo costumes e pela sua notável tendência à ironia. Seu último romance, para alguns apenas um conto grande, *A Cidade e as Serras* é considerado tanto como um fecho d'ouro de sua obra quanto como um livro menor, pois explora, entre outras, uma grave tese sociológica que é a de ser preferível viver e proliferar pacificamente em uma aldeia do que naufragar no estéril tumulto de uma cidade. No caso específico do romance, o urbano deprava; a serra reconforta. Para Antero de Quental, Eça é representante de uma geração intelectual cuja principal causa é : “ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada.”. Exemplificado no fato de Jacinto, a personagem principal do livro, ir para o campo, mas levar os fios telefônicos, sua comunicação além fronteiras. A verdade é que outros olhares (outras teses) podem (co-) existir, como por exemplo a seguinte declaração de Almada Negreiros, facilmente identificável na trama do livro, onde ele diz:

Le Portugal se trouve là-bas,
Dans un endroit du sud-ouest
De l'europe *le plus éloigné de*
Paris.

Le Portugal est le *dernier coeur*
Européen avant la Mer

Todas estas considerações desconfiguram o livro como um mero romance de tese e o inserem no rol das obras que se desprendem da crítica baseada em um único tema, um único foco, um só ponto de análise que infelizmente assola alguns escritos, inibindo um olhar diferenciado.

Nesta discussão o que nos interessa é a visão de Eça em face do advento das inovações científicas e de como o homem de seu tempo lida com o novo, como se relaciona com as novas tecnologias, como acabam por se entrelaçar eletrodos e neurônios. Na verdade, parece haver uma espécie de paralelismo entre as relações homem e máquina do final do século XIX (a sociedade industrial) com as do final do século XX (sociedade globalizada). É sob esse aspecto que *A Cidade e as Serras* se mantém absurdamente atual, reforçando uma grande, talvez a maior, característica de Eça: sua percepção de mundo.

Jacinto vive na Paris do fim do século XIX, uma cidade inchada, sob efeito da expansão industrial. O dinheiro corre para o bolso de uma burguesia, ávida pelas vantagens do progresso, da qual ele faz parte. O jovem luso-francês busca integrar-se completamente ao novo mundo (burguês, financista, industrial) por intermédio do culto à informação e à técnica moderna. É a época em que os camponeses se deslocam do campo para os centros urbanos aumentando o contraste social. Contudo, o culto e rico fidalgo é infeliz, a cidade é unifaceada, repetitiva e moldada sob parâmetros brutos, dogmáticos, dos quais não consegue se libertar o homem socializado, leia-se burguês - visto que o dinheiro era o requisito socializador. Ele está preso, emaranhado em uma teia cosmopolita e entediante. Jacinto está “imobilizado”.

O paralelismo anteriormente citado nos é identificável através do livro de Zygmunt Bauman, *Globalização*, onde é descrito o fim do século XX de maneira crua e sensata, mostrando que vivemos em um mundo globalizado, “governado” pelas novas linguagens tecnológicas e midiáticas, adaptando nossos gostos e hábitos, em um ritmo que não nos permite perceber essas mudanças e, mesmo quando conseguimos, achá-las naturais. A crítica a essas mudanças deve ser centrada, com consciência do que está acontecendo e do nosso papel em face delas. Para o sociólogo polonês: “embora as ações humanas agora se dêem em escala global, não somos

capazes de ditar os acontecimentos”. As pessoas que conseguem não serem totalmente manipuladas ou coagidas pelo *status quo* finissecular têm o que Bauman chama de “mobilidade”.

Jacinto custa a perceber que está sendo manipulado, que está preso a um sistema que o cotidianiza e aprisiona. Sua percepção do porquê sentir-se infeliz não consegue correlacionar esse sentimento com a vida de marionete-da-sociedade que leva. É um “imobilizado” por excelência. As novas tecnologias são assimiladas por ele e pelos seus convivas da alta sociedade sem caráter crítico e servem como elemento alienante de sua função social e de um (auto-)entendimento do ser humano.

O jovem burguês seria o que Paul Virílio, em *O Espaço Crítico*, considera Homem-máquina, alguém que incorpora a tecnologia como elemento vital, biológico. Neste mesmo livro, o autor francês cita o aeroporto como sendo a última porta do Estado, funcionando, na verdade, como rito de passagem, lugar de regulação das trocas e das comunicações, onde se passa de uma realidade à outra, mesmo que nos dias atuais esta diferença esteja próximo do ínfimo. O aeroporto seria um portal pelo qual o “mundo exterior” consegue entrar em contato com as “verdades” que cada um traz dentro de si, ou seja, o “mundo interior”. Não é mais a idéia de ruptura que se cristaliza, mas a consideração de que o elemento regulador, o referencial, passa a ser o uso, a consciência de uso do poder de transpassar realidades, a forma como se deve lidar com a proximidade com este aeroporto/portal, pois, já que não se domina o que por ele (trans)passa, ao menos existe uma possibilidade de filtragem e seleção disso que só um indivíduo preparado e livre pode executar. Execução esta que, quando bem realizada, tende a se transformar em harmonia entre estas realidades e é através desta harmonização que o ser humano “adquire” a propalada mobilidade.

No caso de Jacinto, o trem, mais precisamente a estação de trem, é seu “aeroporto”. Ele sai do que o autor francês chama de zona estéril, Paris, para uma zona não-estéril, Tormes, sente

a diferença, o choque cultural de suas vivências universais com uma realidade de que só ouviu falar. Apesar de possuir uma vasta gama de informações, não se adapta àquela nova situação. Globalização pode ser considerado como um eufemismo para a tentativa de tornar os pobres mais tragáveis pelos ricos, em todos os sentidos deste termo, através da incorporação socio-cultural de alguns elementos da vida destes últimos pelos primeiros. A cultura do primeiro mundo, dos ricos, é temporal, ou seja, é medida pela aniquilação de fronteiras, o mundo todo ao alcance de um gesto: um clique no mouse, para nós, ou viagens culturais e elucidativas por todo o mundo, para os contemporâneos de Eça. É este tipo de cultura que molda cavalheiros, intelectuais, cientistas. Os terceiro e segundo mundos são do âmbito da cultura espacial, têm fronteiras que os delimitam e até aprisionam. Só conseguem conhecer o mundo através de fatos terceirizados e/ou manipulados. Sua compreensão não lhes permite saber o que verdadeiramente está acontecendo. Dependem da TV, viajantes ou da sabedoria dos “antigos”. Assim, Globalização acaba por ser: tornar quem não pode se “mover” por vontade própria marionete de quem detém a informação (ou a condição financeira para obtê-la e mantê-la restrita).

O que inquieta o jovem francês é que a idéia de civilizar o mundo era torná-lo uma réplica de Paris, onde ele vivia infeliz. Com a aniquilação das fronteiras tudo é Paris, seja na Europa, na América, na Ásia. A estaticidade de sua vida torna-se insustentável. Toda essa conceituação é assimilada pelo protagonista que não mais consegue se enxergar como habitante da metrópole francesa, é um turista confinado na cidade em que nasceu, pois não há mais o que se ver e não existem novas maneiras de se ser visto. Paris é a zona estéril por excelência. Ele abandona a metrópole não em busca de felicidade mas de movimento, vida.

O jovem acaba por seguir a prerrogativa fundamental do dandismo: surpreender sempre, sem nunca ser surpreendido. Decide ir para o interior de Portugal, que é onde a tecnologia sai de sua vida, remetendo-o a uma realidade social que desconhecia. Os pobres passam a existir em sua

vida, ele passa a ter afazeres, trabalhos, ocupações. Rejuvenesce, revive. Conscientiza-se sobre o papel da tecnologia, do moderno, do seu papel naquela comunidade. Age/funciona como uma espécie de portal, assim como o aeroporto e a estação de trem, pois é através dele que o povo da região tem contato com a modernidade. Representa para os camponeses a definição clássica do virtual: o que pode vir a ser. Seus conhecimentos, disponíveis pela sua presença física naquele local, são a única fonte de informação além mundo. Ele é a prova viva e real da possibilidade futura da existência de um mundo que para os que estão em Tormes ainda não é imaginável. Com menos de três décadas de vida, ele já é o sábio da aldeia, pois, através da carga de informação que lhe foi disponibilizada, acumulou um grau de conhecimento que o alça a um patamar inatingível para quem está preso à não-informação, por quem não consegue se mover.

Sendo para proveito próprio ou não, a questão não é essa, toda inovação tecnológica que implementa na aldeia acaba por servir à comunidade, ou seja, seus conhecimentos ou ferramentas modernas (telescópio, fonógrafo, telefonia, eletricidade, etc) formam um rizoma, uma espécie de teia construída de maneira a dar mobilidade a todos a sua volta. Esta teia não é lançada por Jacinto, é tecida por ele em conjunto com a comunidade serrana. Ele modifica seu olhar com relação ao Outro, que com isso “abandona” a condição forçada de ser uma “coisa estranha”, coagidamente mantida distante através de fronteiras socio-espaciais rígidas e impugnáveis, passa a ter voz, literalmente, e deixando se ser uma coisa tem a possibilidade de passar a existir, não ser mais o camponês A ou B, ter uma identidade, uma vida. Isso atrai o jovem francês que parece seduzido pela certeza de poder seduzir estes recém-identificados. De poder guiá-los.

A rede não é uma construção da ordem da instantaneidade, não pertence ao agora, não há a satisfação imediata inerente a sociedade de consumo, o que ocorre é a constatação da mudança de pensamento do fidalgo francês, que deixa de ser o que Bauman chama de mero acumulador de riquezas para tornar-se um acumulador de sensações. Mais do que servir de portal, estático e

imutável, é responsável pela manufatura de uma teia informacional, pois consegue (re) incorporar a tecnologia de uma forma sensata, com convicção do que ela representa e de como deve/pode ser utilizada. Tormes se configura como o contrário da esterilidade parisiense é um marco producional. Representa a convicção de que a modernidade deve ser encarada como algo presente no cotidiano de todos e que usada com responsabilidade se transforma em um instrumento de melhoria de vida; fazendo as críticas necessárias ao uso do “moderno” e da noção social que ele traz junto a si. Toma atitudes ingênuas, como ladrilhar os chiqueiros, mas faz com que as melhorias sejam vividas por toda a comunidade. Não é mais a tecnologia trancafiada para servir a uma pequena parcela da sociedade, o primeiro mundo, mas a possibilidade de um uso socializante e irrestrito do novo. A educação, saúde e preservação da cultura local são as metas. Eça faz de seu protagonista um benfeitor que se utiliza de todos os seus conhecimentos e ferramentas para operar o milagre da verdadeira Globalização, a desinteressada, pois não há o acachapamento de uma realidade cultural em face de outra, o que ocorre é uma troca intermitente de informações e aprendizados. São mundos que não mais se estabelecem ordinariamente em relação aos outros, apenas convivem. Como não é um texto centrado em prerrogativas utópicas, Jacinto continua sendo rico e patrão, mas faz desta a única diferença. Não tolhe a chance de obtenção de cultura ou informação por parte de seu empregados. Todos se movem, mesmo que em torno dele.

O livro foi alvo de críticas e trabalhos sempre estando preso a idéia de ser um panfleto de valorização da vida rural em oposição à vida citadina. É mais do que isso, mais do que provar estes conceitos do autor português, é um aviso sobre como a tecnologia deve ser encarada. A crítica não é à tecnologia, mas ao confinamento dela em pouquíssimas mãos, no caso nas mãos do que seria o primeiro mundo. Como um de seus objetivos era o progresso de Portugal, nação agrícola e longe das inovações do resto da Europa, alerta para a democratização das melhorias

causadas pelo moderno. Jacinto parece legislar em causa própria, mas consegue socializar uma comunidade através da tecnologia e da informação, o mesmo tenta fazer Eça que através de sua literatura mostra como o advento da modernidade deve ser pensado, sempre pesando todos os lados, democraticamente. Com isso, claramente percebemos que a tal mobilidade já a possuía Eça de Queirós 100 anos atrás.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. São Paulo: Ática, 1998.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996.

VIRILIO, Paul. *O Espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.